



1290003326

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

 FE
TCC/UNICAMP H312r

Letícia Hawerth

2007

**REDESCOBRINDO O SENTIDO DA DANÇA NA COLÔNIA
ALEMA DE FRIBURGO**

Campinas
2007

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

Letícia Hawerth

**REDESCOBRINDO O SENTIDO DA DANÇA NA COLÔNIA
ALEMA DE FRIBURGO**

Trabalho apresentado para
conclusão do curso de
Pedagogia, à Faculdade de
Educação da UNICAMP, sob
orientação do Prof. Dr.
Adilson Nascimento de Jesus.

Campinas
2007

UNIDADE:	F.E.
Nº CHAMADA:	700
V:	EX:
TOMBO:	3326
PROC:	NS107
C:	D: X
PREÇO:	
DATA:	22/11/07
Nº CPD:	8130

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

H312r Hawerroth, Leticia.
Redescobrimdo o sentido da dança na colônia alemã de Friburgo /
Leticia Hawerroth. -- Campinas, SP : [s.n.], 2007.

Orientadores : Adilson Nascimento de Jesus.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1.Dança. 2. Folclore. 3. Comunidades. 4. Tradição. 5.Cultura.
I. Jesus, Adilson Nascimento de. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Educação. III. Título.

07-180-BFE

Agradecimentos

Na conclusão desta importante etapa da vida, ficam meus sinceros agradecimentos as pessoas que carinhosamente contribuíram para esta concretização.

Ao Adilson, que com tranquilidade me conduziu neste processo, iluminando minha confusão de idéias nas agradáveis discussões e conversas.

À minha família que me educou sempre atentamente, ao amor que temos incondicionalmente e que me mostra os valores da vida. Devo isso a vocês.

À Mellyssa, amiga querida que acompanha todas as minhas fases há algum tempo. Que me encoraja, tranquiliza e aponta possibilidades sempre.

À Maria Emília, Wanderlei e Guilherme, querida família Nilson sempre presente e disposta a contribuir.

À Nádia, Mariana, Tatiana e Luciana pelo companheirismo desses anos de graduação. Por todos os momentos vividos e compartilhados.

À todos os integrantes do *Tanzgruppe Friedburg*, aos de ontem, aos de hoje e aos que ainda virão, por proporcionar esse crescimento constante, pela paciência em tentar me entender e aprender com minha didática nem sempre tão clara.

Aos amigos que estiveram presentes especialmente na fase final, pelo ombro nas horas de desespero, pela vontade de ajudar. Aos de perto e especialmente a Karin, que mesmo a milhares de quilômetros esteve tão presente e preocupada, contribuindo da melhor forma possível.

Enfim, a tudo e todos que direta ou indiretamente contribuíram para minha formação e conseqüentemente para a realização deste trabalho.

“A dança é celebração, a dança é linguagem (...) Linguagem para além da palavra: porque onde as palavras já não bastam, o homem apela para a dança”.

Chevalier

Resumo

Este trabalho vai falar do sentido da dança dentro da Sociedade Escolar do Bairro Friburgo – Colônia Alemã de Friburgo.

De acordo com a vivência no grupo de danças folclóricas, *Tanzgruppe Friedburg*, que faz parte desta Sociedade, o trabalho traz aspectos históricos do local, junto com os aspectos da sobrevivência das atividades, caracterizando a formação e a base do grupo de danças, bem como a manutenção dos valores deixados pelos colonizadores.

A dança, com seus múltiplos aspectos de expressão, se tornou parte fundamental deste meio e mantém viva a história do local e de seus ascendentes. Assim, os jovens que lá se encontram vivem a cultura e o folclore e os divulga pelos lugares que passam com sua característica dança.

Junto com a dança, o fator motivador desta escrita é o que permeia essa vontade de dançar e manter viva a cultura dos antepassados. Para isso foram consideradas entrevistas com integrantes e ex-integrantes deste grupo que complementam e justificam o que a autora descreve de acordo com sua vivência pessoal.

Palavras-chave: dança; comunidade; tradição.

Índice

Agradecimentos	04
Resumo	06
Índice	07
Apresentação	08
Introdução	10
Friburgo, uma história	12
A dança	20
Redescobrimdo a dança	32
Bibliografia	41
Anexo 1 – Fotos	42
Anexo 2 – Entrevista de Carlos Guilherme Nilson	50
Anexo 3 – Entrevista de Karin Krieger de Oliveira	54
Anexo 4 – Entrevista de Maria Emilia Armbrust Nilson	56

1. Apresentação

A dança surge como algo sagrado, realizado para homenagear os Deuses, os mortos, representação de ocasiões especiais (como as guerras) e também para agradecer as bênçãos a esses deuses. De acordo com a região, dançada somente pelos nobres, ou somente pela plebe e assim difundida pelo ocidente.

Este trabalho visa redescobrir o sentido da dança dentro da Sociedade Escolar do Bairro Friburgo. Colônia formada pelos alemães que chegaram na região de Campinas para substituir o trabalho escravo. Inicialmente os colonos utilizavam a sede para os cultos religiosos, para a educação de seus filhos (uma vez que consideravam o ensino brasileiro deficitário), para festejar datas especiais e reuniões gerais da comunidade que formaram.

Anos mais tarde, em 1993, surgiu na Sociedade a dança folclórica. Formou-se um grupo de danças onde inicialmente participaram os jovens filhos dos sócios que freqüentavam o local aos finais de semana e da Igreja Luterana de Indaiatuba. Este grupo se mantém vivo até os dias de hoje, com alterações em sua composição, naturalmente, na coordenação e dos integrantes em geral.

Atualmente a maioria dos integrantes está ligada aos sócios freqüentadores da sociedade, podemos dizer então, que estão ligados à história do local e das famílias, à origem de cada um. Mas também formado por pessoas que encontraram o grupo em diferentes ocasiões, nas apresentações que o grupo realiza pela região.

O grupo está estreitamente ligado à Sociedade, e fazer parte do grupo significa fazer parte da Sociedade ativamente. Ajudar nas festas, colaborar com idéias, com trabalho, com dedicação, ensaiar praticamente todos os finais de semana, sacrificar outros compromissos para uma apresentação ou para uma festa.

Neste contexto, surge o tema deste trabalho. O que mantém essas danças vivas? O que mantém o interesse dos jovens lá? O que motiva a participação das pessoas no grupo? Para assim re-significar a dança dentro da Sociedade.

Para desenvolver o trabalho contei com a participação de três pessoas que estão ou estiveram envolvidas com o grupo de danças e a Sociedade que me ajudam a conhecer mais sobre a história do grupo e da Sociedade e é claro, chegar às conclusões do trabalho.

Primeiro apresento o Friburgo, sua história, o que o constitui, fundação e manutenção da Sociedade. Passo então a falar da dança de acordo com a revisão bibliográfica realizada e aos poucos caracterizá-la dentro do Friburgo. Para finalizar trago minhas considerações auxiliadas pelas entrevistas sobre o processo de re-significação da dança no Friburgo.

Neste processo de criação acabo tornando consciente os meus motivos, dando nome e significado a minha própria vivência.

2. Introdução

Desde que tenho lembranças de momentos de minha vida a dança está inserida nela. Entrei no balé quando tinha menos de três anos e lembro de apresentações realizadas. Também dos momentos mais informais, quando dançava ao som dos discos de vinil dos grupos de sucesso daquela época, junto com as vizinhas, por tardes inteiras.

Assim que mudei para Indaiatuba, com cerca de 5 anos tive contato com a dança folclórica, na Colônia Suíça de Helvetia. Lá dei meus primeiros passos folclóricos, em danças que fazem parte do folclore germânico, junto a um grupo de crianças que também estavam encantadas com tudo aquilo! Dancei lá até os 8 anos, quando por intermédio de um amigo de trabalho de meu pai conhecemos a Sociedade Escolar do Bairro Friburgo. Uma Colônia Alemã fundada há mais de 125 anos pelos imigrantes que chegaram na região para trabalhar nas plantações de café.

Participei da fundação do grupo nessa colônia em 1993, dancei na categoria infanto-juvenil até os 15 anos, mas desde os 11 já participava de ensaios e apresentações junto com os chamados “adultos”. Há pouco mais de dois anos dançando somente na categoria “Adulta” após a saída do coordenador, fui convidada pelo grupo a ser a nova coordenadora.

A dança sempre esteve muito presente não só na minha vida, mas na de toda a minha família. Foi com o apoio de meus pais que eu e meu irmão entramos nos grupos de dança que fizemos parte. Todos nós fazemos parte da comunidade e nos dedicamos para o desenvolvimento e divulgação da cultura alemã. Além da comunidade, meus pais fazem parte do grupo de danças formado especialmente para os casais que já não agüentam o pique dos jovens de 20-30 anos, minha mãe é quem costura os trajes folclóricos utilizados por todos e meu pai é o Coordenador Geral, que está hierarquicamente acima de minha posição de Coordenadora de danças.



Todos do grupo têm um compromisso com a dança e com os demais integrantes do grupo, uma vez que a maioria delas exige formação em casais e o mínimo de quatro pares para ser executada. Nos encontramos todos os finais de semana por duas horas, além das apresentações e viagens, unidos pela dança e, assim acabamos por formar um grande grupo de amigos e encontramos ali praticamente uma segunda família.

Participar do grupo é estar envolvido e por isso significa abrir mão de outros lazeres, programas e descansos, o que muitas vezes não é compreendido por quem não conhece o que acontece no Friburgo ou em outras Sociedades, algumas vezes, nem por nós mesmos. Contar essa história é trazer à tona esses motivos e descobrir o que tanto nos motiva, descobrir novos prazeres na dança e perceber necessidades básicas de qualquer ser humano de se integrar, manifestar e exercitar os sentimentos.

Com isso tudo tão presente em minha vida, vi neste trabalho a oportunidade e a necessidade de falar mais sobre o assunto e desvendar o que há por trás do ato de dançar no Friburgo, redescobrimo o sentido e o significado da dança não só para os outros que freqüentam ou integram o grupo, mas para mim mesma.

3. Friburgo, uma história.

3.1 – A Sociedade Escolar do Bairro Friburgo

Na metade do século XIX, os fazendeiros paulistas já se preocupavam com a possibilidade da abolição da escravidão no Brasil. Visando solucionar antecipadamente a possível falta de mão-de-obra em suas fazendas, optaram pela contratação de mão-de-obra imigrante, atitude esta apoiada por vários setores do Governo Imperial.

Nesta mesma época, devido à escassez de terras, alta densidade demográfica no norte da Alemanha, substituição dos trabalhos manufaturados pelas máquinas (Revolução Industrial), fome (em virtude de sucessivas colheitas frustradas) e altos impostos, grupos de alemães e suíços partiram em busca de novas oportunidades no Brasil. Assim, a imigração alemã para o nosso país (iniciada em 1822 por Van Langsdorff) teve seu primeiro sucesso em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul; neste sentido, em São Paulo a colônia Velha, em Parelheiros, Santo Amaro, é pioneira.



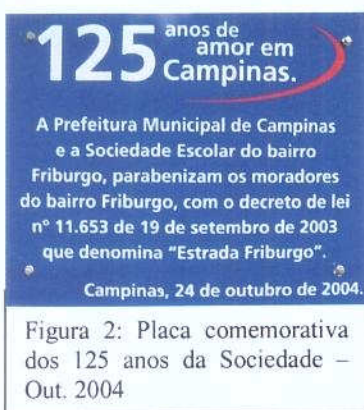
Figura 1: Vista da entrada da Sociedade Escolar do Bairro Friburgo – Nov. 2006

A região cafeeira de Campinas (que compreendia também Limeira e Rio Claro) recebeu, na Segunda metade do século XIX, grandes grupos de imigrantes, que se instalaram nas Fazendas Ibicava (do coronel Vergueiro, em Limeira) e na Fazenda Sete Quedas do Visconde de Indaiatuba (hoje pertencente à Fundação Bradesco). Foi nessa fazenda que Samuel e Nikolaus Krähenbühl, chegados ao Brasil em 1857, conheceram a família de

Frederich Tamerus – colono que saldou suas dívidas no ano de 1860 e decidiu sair em busca de terras férteis para si e outros colonos.

Tamerus rumou para o oeste, encontrou uma área de cerca de 800 alqueires, pouco acidentada e cortada por vários riachos no centro do triângulo entre as cidades de Monte Mor, Campinas e Indaiatuba. Região que hoje conhecemos por Friburgo, nas proximidades do aeroporto de Viracopos.

Alguns anos mais tarde, mudaram-se para a região os irmãos Krähenbühl, e a seguir os Steffen, Jürs, Klement, Armbrust, Quitzau, Wulf, Ullitzka, Albrecht, Schröder, Dolner e Skupien. Ao todo 34 famílias; E resolveram batizar a localidade de *Friedburg* – Castelo da Paz. Sendo assim, os fundadores deixaram às gerações futuras a noção da harmonia que havia entre eles. Harmonia, entendimento, união e espírito construtivo.



Depois de se estabelecerem em seus sítios, a preocupação desses imigrantes (em sua maioria, vindos de Schleswig-Holstein, norte da Alemanha, mas contando também com algumas famílias da Suíça do Cantão de Berna) foi com a educação de seus filhos: sem uma escola pública nas proximidades e considerando o ensino público brasileiro

deficitário se comparado com a instrução que receberam na Europa. Fundaram em outubro de 1879 a *Schulverein zu Friedburg* -Sociedade Escolar do Bairro Friburgo -, mantenedora da *Deutsche Schule zu Friedburg* - Escola Alemã de Friburgo.

Até a década de 1930 a língua alemã foi ensinada na escola e seu nome original foi mantido. No entanto, por conta da campanha de nacionalização encabeçada pelo governo brasileiro, a escola e a Sociedade tiveram seus nomes alterados para Escola de Friburgo e Sociedade Germano-Brasileira de Friburgo, posteriormente, Sociedade Escolar do Bairro Friburgo.

Nos últimos anos do século XIX e nos primeiros anos do século XX, a Comunidade de Friburgo concentrou suas atividades sociais no prédio da escola. As famílias tornaram-se numerosas e o papel exercido pela sociedade foi fundamental para a manutenção do clima de respeito que se observa até os dias de hoje em torno das tradições alemãs e do pioneirismo de nossos fundadores.

Com o passar dos anos, em virtude da crise do café, muitas famílias mudaram-se para as cidades próximas, principalmente para Indaiatuba, Campinas e Monte Mor. Ainda assim mantiveram o hábito de voltar ao bairro todos os fins de semana, já que mantiveram o vínculo com o local e, com o passar do tempo, criaram novas atividades.

Então, seja para assistir aos cultos luteranos, homenagear seus mortos no “Cemitério dos Alemães” ou participar de bailes e almoços que visam à arrecadação de fundos para a manutenção do prédio e suas atividades, ou jogar cartas, encontrar os velhos amigos e mais tarde, depois de 1993, ensaiar no grupo de danças. Mesmo não morando mais no bairro as famílias descendentes têm o prédio da escola como referência.

3.2 – A Igreja Evangélica de Confissão Luterana – Comunidade de Friburgo

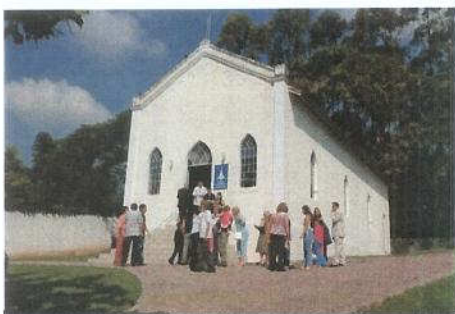


Figura 3: Vista da Igreja Luterana de Friburgo, da entrada da Sociedade - Nov. 2006

Quase vinte anos após a chegada dos primeiros imigrantes alemães em Friburgo, em 26 de março de 1880, foi possível a celebração do primeiro culto luterano, oficiado por um pastor. Porém, até então, as famílias de Friburgo nunca deixaram de se reunir em cultos dominicais em suas residências, sendo o primeiro deles celebrado na residência de Karl Wellendorf.

Devido à dificuldade de locomoção do Pastor, por durante quase quarenta anos os cultos foram realizados mensalmente, na sala da escola. Nasceu então entre os bem intencionados Friburganos o desejo de construir um recinto especial que serviria exclusivamente para fins religiosos.

A construção de uma capela própria da comunidade foi decidida por unanimidade na assembléia extraordinária do dia três de julho de 1932. Infelizmente, seis dias depois desta assembléia, começou a chamada ‘Revolução de Julho’, na qual o Estado de São Paulo se envolveu em conflito armado com o governo federal. Devido à relação duvidosa, nenhuma iniciativa foi tomada até que a revolução terminou, três meses depois, quando a comissão da construção iniciou a execução da obra.

A Sociedade Escolar doou do seu patrimônio um terreno situado ao lado de seu prédio, numa parte mais alta do terreno. Os



Figura 4: Vista interna da Igreja de Friburgo – Abr. 2006

membros da comunidade como também da sociedade escolar colaboraram, em geral, com grandes somas em dinheiro. As comunidades vizinhas, como Rio Claro, Pires, Campinas, Monte Mor, Cosmópolis, Ribeirão e também os alemães de Indaiatuba, Helvetia e Elias Fausto enviaram donativos para a construção. Os friburganos também foram consideravelmente auxiliados pelo pastorado de São Paulo, do Conselho Superior de Igreja em Berlim. Em 11 de junho de 1933, a Comunidade possuía um fundo de 7.386.000. (naquela época, sete contos trezentos e oitenta e seis mil réis) para a construção de sua capela.

Finalmente, na Páscoa de 1934 o templo foi inaugurado e comemorado com uma grande festa. Desde então, são realizadas algumas festas tradicionais de louvor e gratidão e os

cultos passaram a ser realizados semanalmente. Para as demais comunidades Luteranas da região, a Igreja de Friburgo é considerada “comunidade mãe”.

3.3 – A Associação Funerária de Friburgo



Figura 5: Primeiro jazigo do Cemitério de Friburgo – Nov. 2006

Em 26 de dezembro de 1881, em reunião na Sociedade Escolar de Friburgo, surgiu a intenção de construir um cemitério no bairro, devido às inúmeras dificuldades enfrentadas para a realização dos sepultamentos na época, pois estes eram feitos a uma distância de aproximadamente trinta quilômetros, em Campinas, distância esta que precisava ser vencida a pé, já que não havia qualquer tipo de veículo e estradas. O cortejo seguia por caminhos que com as chuvas tornavam-se lamacentos e intransitáveis.

O primeiro passo para o início da construção do cemitério seria a autorização da Câmara de Campinas. Para que esta autorização fosse concedida, fez-se necessária a elaboração de um requerimento, que foi encaminhado junto às assinaturas de inúmeras pessoas do bairro à Câmara, por intermédio do advogado Dr. Quirino, em 18 de março de 1882. O requerimento foi negado. Fez-se então, uma apelação ao Presidente de São Paulo – o que chamamos hoje de Governador - em favor da construção do cemitério, mas de nada adiantou, pois o governo do estado alegou que apesar de não ser contrário à intenção, esta era mesmo uma responsabilidade do governo municipal.

O requerimento voltou a ser encaminhado para a Câmara de Campinas e foi novamente negado em 03 de março de 1883. A intenção dos vereadores era que com o dinheiro que seria destinado à construção do cemitério, os Friburganos providenciassem a manutenção das estradas, resposta esta tomada como um desacato por todos, pois além da responsabilidade da conservação das estradas ser do próprio município, a quantia em dinheiro necessária para tal seria muito maior.

Em 1884, após a eleição de uma nova Câmara, o requerimento foi finalmente aprovado no dia 03 de novembro. O Sr. Ludwig Fahl, membro da comunidade, doou o terreno de quatrocentas braças quadradas no Morro da Lagoa para a construção do Cemitério de Friburgo.

A construção iniciou-se pelo muro, feito de taipa, no mês de dezembro do ano de 1884, mas por conta das chuvas as obras foram interrompidas por algum tempo, findando a construção do muro em junho de 1885.

Ainda em 1884, realizou-se o primeiro sepultamento no cemitério, da Sra. Maria Elisabeth Goldimann em 21 de julho, antes mesmo da inauguração, que ocorreu somente em 06 de fevereiro de 1886, após cinco anos de batalhas burocráticas, feitas pelo vigário de Campinas, conforme imposição da Câmara.

Desde então a Associação Funerária de Friburgo, sempre composta por membros voluntários da comunidade ficou encarregada da conservação e administração do cemitério, que possui nos dias atuais oitocentos e oitenta e um corpos sepultados, além de cinquenta e duas urnas contendo os restos mortais das vítimas do acidente com o avião da companhia Aerolineas Argentinas, que caiu em Friburgo em dezembro de 1961, logo após a decolagem, em Viracopos.

3.4 – A situação atual da Comunidade do Bairro Friburgo

As três entidades descritas constituem e representam a Colônia Alemã de Friburgo, Associações sem fins lucrativos, legalmente constituídos no atual município de Campinas, que com suas atividades funcionam como fator de agregação social e convergência cultural, visando manter vivas, como descendentes e simpatizantes dos imigrantes alemães, as tradições culturais e os laços familiares e de amizades.

Nesses quase 130 anos que se passaram, desde que os imigrantes alemães fundaram a



Figura 6: Integrantes do Grupo de danças servindo no evento da Sociedade, a Tradicional Feijoada – Jun. 2007

Sociedade Escolar de Friburgo, muitas mudanças ocorreram. Como foi dito, muitas famílias se mudaram da região e assim se desfizeram das terras que pertenciam às famílias, ou simplesmente deixaram de plantar e cultivar produtos mantendo somente os caseiros para tomar conta. A região antigamente formada exclusivamente por propriedades agrícolas se desfez e hoje é em grande

parte área urbana, constituída por bairros como o Vida Nova e o Parque Universitário, situados a aproximadamente 5 km da sede da Sociedade e da igreja.

A Escola que funcionava no local, desde 1879, teve suas atividades paralisadas apenas duas vezes, durante as duas Guerras Mundiais. A partir de uma determinada época passou a ser mantida pelo Estado, e funcionou até o último dia letivo do ano de 1993. As aulas eram ministradas em dois salões, 1ª e 2ª série em um e 3ª e 4ª no outro, divididas apenas pela disposição das carteiras. Os órgãos de educação responsáveis por aquela região impuseram a condição de melhorias deste ambiente e sem a possibilidade de alterar o cenário, a escola foi infelizmente fechada, já que não possuía infra-estrutura pedagógica para continuar

funcionando. O nome de “Sociedade Escolar” se mantém como homenagem e alusão ao que foi criado pelos fundadores.

As Sociedades se mantêm financeiramente com a participação e a promoção de festas, em sua maioria folclóricas. Na sede realizamos alguns eventos como: o Almoço da fazenda, que é uma homenagem aos imigrantes colonizadores; a Festa Anual da Igreja, juntamente com o leilão de gado; o Friedburgball, Baile de aniversário dos grupos de danças; a Feijoada em homenagem ao país que acolheu nossos imigrantes; Festa da Colheita da Igreja; Comemoração do Aniversario da Sociedade e o Almoço em prol da Associação Funerária. Fora da sede, o Friburgo participa e auxilia na organização da FENUI, Festa das Nações de Indaiatuba (que neste ano de 2007 está em sua 10ª edição) e promove a *Septemberfest*, uma festa do Chopp, tipicamente alemã, também na cidade de Indaiatuba. Além disso, eventualmente, quando convidada, realiza almoços ou jantares típicos, preparando e servindo a comida típica.

No que diz respeito à manutenção e divulgação da cultura alemã, conta-se especialmente com a participação do grupo de danças folclóricas alemãs que se formou na sociedade, assunto que será tratado a fundo no próximo capítulo.

4. A dança

4.1 – A origem da dança



Figura 7: Tanzgruppe Friedburg em apresentação – Mai: 2007

Desde os primórdios, a dança esteve ligada a representações da vida, ao sagrado, ao instinto, ao que vai além das palavras e explicações dos homens, ao que transcende o palpável, com seus diversos simbolismos e expressões.

De acordo com o Dicionário Houaiss temos as seguintes definições:

Dança: “1. arte e/ou técnica de dançar 2. conjunto organizado de movimentos ritmados do corpo, acompanhados por música, bailado 3. estilo, gênero ou modo particular de se dançar 4. música que acompanha a dança 5. reunião de pessoas com o propósito de dançar; baile (...)” (p.907).

Dançar: “1. movimentar o corpo com intenção artística, obedecendo a um determinado ritmo musical, ou como forma de expressão subjetiva ou dramática 2. executar os movimentos próprios de uma determinada modalidade de dança; bailar 3. executar qualquer movimento corporal ritmadamente 4. ir de um lado a outro desordenadamente; oscilar, balançar (...)” (p.907).

Ao recorrer à história da dança, de acordo com Miriam Garcia Mendes, em A Dança, encontra-se a definição de “a mais antiga das artes, a mais capaz de exprimir (...) emoções sem o auxílio da palavra” (p.10). Sendo assim, temos os primeiros registros desse tipo de atividade na execução de ritos relacionados às necessidades básicas para a sobrevivência, com

representações das caças, como que no intuito de alcançar o desejado, trajando as peles dos animais.

Pouco depois, quando já havia a adoração e cultos não mais tão mágicos, encontram-se registros de dança nas cerimônias de adoração e culto aos mortos e também a criação de elementos como amuletos para enfrentar o sobrenatural. Executados pelos homens, principalmente magos e sacerdotes.

O homem passa a ser produtor e deixa de ser apenas predador, ao descobrir a agricultura e a criação dos animais. Podendo reservar alimento, a população aumentou, e passou a ter bens para defender. Assim se organizaram grupos, diferentes uns dos outros e até rivais, desenvolvendo suas características peculiares, divindades e simbolismos.

Naturalmente, as formas de dança passaram a caracterizar os grupos que as praticavam e para cada um deles tinha um significado. Como, por exemplo, para os gregos, era utilizada nos rituais religiosos para honrar os inúmeros deuses de seu politeísmo, passando também pela educação e pelo divertimento. Ou para os egípcios, onde o maior número de registros é encontrado na liturgia funerária.

De acordo com Mendes, os tipos de dança eram praticamente dois: “a dança sagrada ou hierática, parte das cerimônias religiosas, relacionada com ritos de iniciação, expiação etc., contendo muitas vezes traços de natureza erótica ou lasciva, ou de caráter guerreiro, veneratório, propiciatório de chuvas, de fertilidade humana ou da natureza, e a dança profana, ligada a divertimentos públicos e populares” (p.12).

Com certeza a dança tida atualmente como folclórica na Alemanha, tem suas origens nesses rituais pagãos, nas representações e agradecimentos, dessa forma, ligada a atividade econômica exercida em cada época. Observando rapidamente históricos das danças passadas de geração em geração notamos facilmente tal fato, como por exemplo, duas danças típicas da Alemanha que têm o seguinte significado e descrição:

Mühlrad – (Moinho) Dança do sul da

Alemanha, seus passos e formas representam o processamento, moagem e ensacamento do trigo, assim como o funcionamento das engrenagens e pás de um moinho. Nesta dança homens e mulheres interagem formando partes do processo descrito, hora pás de um moinho de vento,

hora engrenagens, hora trabalhadores, hora sacos de trigo.



Figura 8: Cena de Mühlrad em apresentação do Tanzgruppe Friedburg na Expoflora em Holambra – Set. 2006

Tomando o trigo como parte essencial da alimentação e sobrevivência em uma determinada época, talvez retratar todos esses símbolos com tal riqueza, seja uma forma de agradecimento pelas conquistas e colheitas, bem como a demonstração para quem desconhece o processo agregando maior importância a ele.



Figura 9: Cena de Webertanz em apresentação do grupo na 9ª Fenui (Festa das Nações de Indaiatuba) – Jul. 2006

Webertanz – (Dança do tear) Dança dos camponeses encontrada principalmente ao norte da Alemanha e Suécia. Nela podemos ver toda a representação do funcionamento do tear camponês. Um dos exemplos mais bonitos e artísticos representando os movimentos do tecelão e o seu tear, ligando o ser humano com a profissão.

Considerado como um exemplo vivo de uma dança que faz parte das danças e profissões. Citada como contradança, em colunas opostas, apresenta uma mistura incorporando na mesma: o tecelão, o tear e o tecer.

Assim como na dança descrita anteriormente, o aspecto econômico está claro. Além disso, podemos observar o significado desse elemento em outras culturas, deixando mais clara a intenção desta representação. O Dicionário de Símbolos de Chevalier (2005) diz que para alguns “o tear simboliza a estrutura e o movimento do universo”, para outros, sua estrutura simboliza todo o universo, e ainda encontra-se relação com o aspecto da existência, a necessidade do movimento, do nascimento à morte, de fiar e desfiar a vida. O que me remete ao fazer com as próprias mãos, com o próprio sangue, ao feminino, ao tecer de um novo ser dentro de si.

4.2 – A origem da dança no Friburgo

Conforme citei no primeiro capítulo, na Sociedade Escolar do Bairro Friburgo existe um grupo de danças folclóricas alemãs. O grupo foi oficialmente fundado em 1993. Eu vi e participei da fundação deste grupo, mas tinha apenas nove anos e chegava de



Figura 10: As duas categorias do Grupo reunidas em apresentação na colônia Suíça – Jul. 2005

fora, junto com essa fundação, então, não sabia exatamente o que acontecia naquele momento na Sociedade.

Para esclarecer os fatos e essa história ficar um pouco mais completa neste trabalho, recorri a uma entrevista com uma pessoa que já participava deste meio e que, junto com seu marido, foi uma das idealizadoras do grupo, Maria Emilia Armbrust Nilson.

Em Indaiatuba já existia um grupo folclórico na Colônia Suíça, Helvetia, do qual eu fazia parte. Nos reuníamos todos os finais de semana, desde crianças (eu comecei com seis

anos) até adultos, para dançar. De acordo com Maria Emília, foi neste grupo que eles se basearam, como ela disse quando questionei como havia surgido o grupo em Friburgo: “Eu acho que a dança no Friburgo sempre esteve presente. Desde sempre! Ela veio com os imigrantes, mas ficou uma dança mais popular, a dança folclórica veio com o grupo a partir de 93. De onde a gente viu isso? Acho que de Helvetia mesmo, da colônia suíça. Algumas pessoas participavam lá e participavam do Friburgo. Daí começou a se pensar: vamos montar um grupo aqui, vamos dançar aqui as coisas que a gente já dança lá! E eu acho que vingou!”.



Figura 11: Apresentação na festa de confraternização da empresa Elektro em Campos do Jordão – Nov. 2006

Os elementos básicos da dança folclórica alemã e da suíça são muito parecidos, a valsa, a polca, a marchinha, o xote, assim como o contexto econômico e histórico que basearam as danças, devido à proximidade entre as duas nações. Sendo assim os jovens do Friburgo passaram a dançar também. E como completou Maria Emília, “o grupo nasceu lá

dentro da Sociedade, com as pessoas que já estavam lá”.

Questionei-a sobre as expectativas que tinham ao querer criar um grupo lá, o que os motivou para isso ao que respondeu: “eu acho que as expectativas eram que os jovens pudessem dançar, se divertir, se encontrarem, que a Sociedade pudesse continuar sendo esse ponto de encontro também dos jovens. E que a gente entendeu que a dança pudesse trazer isso. E eu acho que trouxe. Sem dúvida que isso uniu muito os jovens ali da comunidade, vieram até jovens de fora participar, então eu acho que pra mim suplantou as expectativas, porque depois isso tomou outros rumos (...) Naquela época a gente esperava ter um grupo que dançasse, se divertisse, gostasse de estar ali dentro dessa proposta das famílias, de estar sempre, de ser uma coisa sempre muito familiar.”

Neste contexto nasceu então o *Tanzgruppe Friedburg*, Grupo de danças Castelo da Paz, levando o mesmo nome da Sociedade fundada pelos imigrantes alemães, como forma de homenageá-los, visto que eram os costumes deles e das gerações anteriores a eles que estávamos resgatando.

4.3 – Como se mantém a dança no Friburgo



Figura 12: Apresentação no 11º Friedburgball, Baile de aniversário do grupo, Campinas-SP – Mai, 2004

Com o intuito de manter a tradição viva, os jovens na Sociedade e o dançar tão presente, desde sempre o grupo passou a ser estruturado, a contar com elementos novos, com pessoas novas e assim com compromissos e ideais novos.

Foi fundado um grupo de jovens. Em seguida houve a necessidade de formar um grupo infanto-juvenil, já que as crianças estavam sempre por ali, observando o trabalho dos irmãos, primos e amigos mais velhos. Definiu-se um critério e uma divisão, para não sobrecarregar os mais novos com danças pesadas, de 5 a 15 anos para a nova categoria e, acima disso, para o dos jovens. Alguns anos mais tarde uma nova categoria foi formada, dessa vez pelos pais dos integrantes, que já não podiam ser sobrecarregados com as tais danças que exigem mais fôlego.

Para organizar os ensaios e apresentações e repassar as danças, sempre houve coordenadores. Coordenadores de dança, que cuidam especificamente do repasse e aperfeiçoamento das danças, e coordenadores gerais, que negociam apresentações e

propositalmente são pessoas da geração acima da dos integrantes e assim zelam pelo bom e tranqüilo funcionamento do grupo. Quatro coordenadores de dança já passaram pelo grupo, três se afastaram do mesmo e outro apenas deixou o cargo, mas continua dançando. E três outros coordenadores gerais já



Figura 13: Integrantes do grupo na divulgação da Septemberfest, Bierwagen, Indaiatuba-SP – Set. 2005

auxiliaram o atual. Atualmente conta-se com a seguinte estrutura: Eu (desde 2001) e o Carlos Guilherme Nilson (desde 2005) somos coordenadores de dança; e contamos com o apoio do Sr. Elias Hawerth, que ocupa o cargo há vários anos, na coordenação geral.

Para participar do grupo, não é necessário ser descendente de alemães, basta gostar da dança, do folclore e estar disposto a ajudar no que for necessário com suas habilidades. Não há distinção alguma, tanto que temos árabes, nipo e afro descendentes, que visualmente se destacam entre os outros tantos descendentes de italianos, suíços, portugueses, austríacos e etc.



Figura 14: Coordenadores de dança na Noite do Trajes do curso da Associação Cultural Gramado – Jan. 2006

Para aprender as danças e aperfeiçoar os passos, desde a fundação os integrantes encontram-se praticamente todos os finais de semana para o ensaio que dura aproximadamente duas horas, normalmente aos domingos. É nesse dia que todos que freqüentam assiduamente a Sociedade se encontram lá. A maioria dos jovens vai para dançar, os homens para jogar cartas, Truco. Mas, além disso, é o momento de encontro de todos; das famílias; dos netos irem visitar os avós; dos filhos voltarem às origens e; de ficar entre amigos.

Não há como falar do grupo sem falar da Sociedade e nem como falar da Sociedade atualmente, sem falar do grupo. Caminham juntos, auxiliando um ao outro em tudo que é

necessário, então, o grupo passou a fazer parte das tão tradicionais festas, na organização e a alegrá-las com as apresentações folclóricas. Inclusive, com o surgimento do grupo, mais uma festa foi agregada ao calendário da Sociedade, o baile de aniversário dos grupos de danças (Friedburgball).

Além da participação dentro do calendário do Friburgo, o grupo passou a ser um difusor da cultura alemã na região, participando de festas e realizando apresentações em diferentes eventos, contribuindo sempre na ampliação de conhecimento das pessoas em relação à cultura de nossos antepassados. Nesse contexto representamos a colônia alemã em diferentes



Figura 15: 14º Friedburgball, Baile de aniversário do grupo – Mai. 2007

festas das Nações, em trabalhos escolares e festas que tenham ligação com a cultura, seja ela alemã ou não. E é por isso que Maria Emilia disse que o grupo suplantou as expectativas iniciais, do encontro, da alegria e completa: “Diria que isso foi muito além, que hoje o grupo divulga a cultura alemã em toda a região”. E disse ainda: “Hoje o grupo divulga o nome da Sociedade, não só a Sociedade, como a cultura alemã, como a dança da Europa de forma geral do século passado. Então eu acho que nesse sentido a filiação à Casa da Juventude de Gramado foi muito importante, porque trouxe essa coisa do folclore, mas de um folclore mais estruturado, de danças mais universais, que têm esse objetivo. E acabou por permitir a ampliação do repertório e deu referência de expansão da cultura, o que permitiu transcender os objetivos iniciais”.



Figura 16: Vista frontal da Associação Cultural Gramado – Casa da Juventude – Gramado-RS – Jan. 2006

Como foi mencionado durante a entrevista, somos filiados à Associação Cultural Gramado – Casa da Juventude, situada em Gramado, Rio Grande do Sul. Ser filiado à Casa da Juventude é como um advogado pertencer a OAB ou um atleta ser federado. Não é necessário passar por

testes ou provas, é apenas um meio dos grupos folclóricos alemães estarem unidos, se comunicarem, se atualizarem e serem o mais fieis possível ao folclore germânico. Uma vez ao ano a Casa promove curso de dança para o qual os grupos são convidados a enviar representantes para aprender as danças com professores, que muitas vezes vêm da Alemanha. Durante uma semana os coordenadores e/ou integrantes ficam na Casa, que funciona como um albergue, aprendendo novas danças, lembrando outras, trocando experiências de grupo, aprendendo mais sobre a cultura alemã, sobre grupos de danças e quebrando as barreiras dos regionalismos. É através da Casa da Juventude que conseguimos nos manter atualizados, onde conseguimos as músicas, as descrições e históricos das danças, o que deixa nosso trabalho completo.

Voltando para o funcionamento da Sociedade, do grupo e do grupo dentro da Sociedade, as festas sempre foram característica marcante do Friburgo, promovendo mais uma vez encontro das famílias e angariando fundos para manutenção seja da Sociedade Escolar, da Igreja ou da Associação Funerária. Essa é a forma de



Figura 17: Participantes do curso de danças na Associação Cultural Gramado, Noite dos Trajes – Jan. 2006

sobrevivência financeira da qual o grupo também passou a fazer parte. O Friburgo é mantido pelo trabalho das pessoas de lá, pelas famílias. Existe uma diretoria, eleita em assembléia a cada três anos, para que as decisões e caminhos possam ser facilitados, mas todos fazem parte da organização das festas, das opiniões e decisões a serem tomadas.

Como dito anteriormente, Sociedade e grupo estão juntos. A Sociedade cede espaço para o grupo ensaiar, ajuda a custear cursos em Gramado, feitiço de trajes e outros gastos, e o grupo ajuda na organização das festas, a trabalhar nos eventos e a divulgar o trabalho e o nome da Sociedade. E assim os integrantes que não são parte das famílias do Friburgo vão se juntando aos que fazem parte e se tornando parte da Sociedade, compondo todos juntos o que será a história daqui alguns anos.

O que é facilmente identificável na Sociedade é esse contexto familiar. Ao entrar na cozinha num dia de festa, vemos mãe e filha ajudando ou, enquanto os pais e avós cuidam do preparo, os filhos e



Figura 18: Cozinheiras da Sociedade na Feijoada – Jul. 2007

netos estão servindo no balcão, ajudando no caixa, por exemplo. Ou, num domingo comum da Sociedade, encontramos pai e filho jogando cartas juntos.

Para exemplificar o que estou dizendo sobre o trabalho em conjunto das famílias descreverei a organização das festas típicas da Sociedade:

- É definida uma data para o evento, pela diretoria. Como falei no primeiro capítulo, cada festa tem sua época pré-definida. Previamente uma banda é contratada para animar o evento, após pesquisa de preços, condições e datas disponíveis (isso para os bailes, como o de aniversário do grupo de danças e a Septemberfest).

- Próximo à data da festa, é necessário encomendar a matéria prima dos pratos típicos, como o *Eisbein* (joelho de porco), o *Kassler* (bisteca), a *Cervela* (salsichão), o chucrute e etc.; providenciar as embalagens, pratos e talheres para servir.



Figura 19: Preparação dos pratos na 8ª Fenui – Jul 2006

- O grupo tem que definir as danças a serem apresentadas no evento e prepará-las. Além disso, normalmente fica a cargo do grupo a decoração do evento, também previamente definida para que haja tempo suficiente para providenciar o material necessário.

- Tem que ser preparado material de divulgação da festa.

Para algumas delas são realizados movimentos especiais para isso, como na Festa das Nações de Indaiatuba, representantes das etnias participantes desfilam pela cidade distribuindo material com a programação da festa; e na Septemberfest, festa do Chopp que realizamos na cidade de Indaiatuba, fora de nossa sede, enfeitamos um carro e distribuimos chopp pelas principais vias da cidade, junto com material de divulgação – desfile que chamamos de *Bierwagen*.

- Próximo à data, para as festas realizadas fora da sede, é necessário levar toda a estrutura para montar a festa, montar e decorar previamente. Além das compras do restante dos ingredientes dos pratos típicos, como as verduras e legumes.

- No dia da festa, arremates finais na estrutura e decoração, preparação dos ingredientes dos pratos.

- No momento da festa, as mulheres da Sociedade colocam em prática as habilidades na cozinha que funciona a todo vapor; os homens cuidam dos itens assados que compõem os



Figura 20: Trabalhadores do bar da 10ª Fenui – Jul. 2007

pratos e do bar, de atender o cliente, servir chopp e etc., outros cuidam dos caixas, vendendo fichas para retirada dos alimentos e das bebidas, outros cuidam do bom andamento da programação.

Não há divisão entre deveres do grupo de danças, das mães, dos pais ou dos filhos. Estão todos juntos trabalhando por um ideal. Fazendo compras, ajudando na preparação da estrutura, dos alimentos, na divulgação e tudo mais.

É dessa forma que o grupo e a Sociedade se mantêm, a Sociedade que permite os encontros entre amigos, familiares e interessados em se unir aos descendentes de alemães, e o grupo como um adicional a isso, que traz para a Sociedade pessoas de fora, que também permite os encontros e ainda mantém vivo e divulga o folclore alemão.

5. Redescobrimo a dança

A dança folclórica no Friburgo trouxe um adicional ao que sempre foi vivido lá antes. Através dela descobri um caminho para o que está por trás de toda essa vivência. Para ajudar a fundamentar o meu pensamento, recorro a duas outras entrevistas, uma do Carlos Guilherme Nilson, que é descendente de uma das famílias fundadoras da Sociedade, participa do grupo de danças desde os cinco anos de idade e desde



Figura 21: Grupo em Blumenau-SC, no Parque Vila Germânica, no Tanz in Blumenau - encontro de grupos folclóricos alemães -- Jul. 2006

2005 é coordenador de danças comigo; e outra da Karin Krieger de Oliveira, descendente de alemães (mas não do Friburgo), que quando entrou no grupo havia mudado de São Paulo para Indaiatuba há aproximadamente um ano. Participou durante aproximadamente dois anos e deixou-o há quase dois anos, pois se mudou, junto com seu esposo a trabalho para a Alemanha.

Escolhi essas duas pessoas propositalmente entre as tantas outras possibilidades. O primeiro por participar do grupo há muitos anos, ser descendente dos fundadores e ainda estar lá dentro, e a segunda por ter vindo de outro lugar e encontrado o grupo já formado, para conseguir saber o que uma pessoa de fora vê no grupo e o que ela vê hoje.

Fiz basicamente as mesmas perguntas aos dois. A diferença é que com o Carlos pude conversar e desenvolver outras questões ao longo da entrevista, pensar junto, enquanto para a Karin enviei uma breve apresentação do trabalho para mostrar quais os intuitos, junto com as questões.

Quis saber deles o que motivou a entrada no grupo, ao que Carlos respondeu: “(...) uma motivação de eu sempre estar lá, pelo menos todo final de semana quando aconteciam os ensaios. Que eu via todo o pessoal dançando, todos os meus amigos desde a infância estavam lá participando e eu sempre tive uma vontade tremenda de estar lá junto dando os passos, tanto que eu entrei no grupo com cinco anos de idade, como você falou (...) todos eram mais velhos e enquanto eles davam um passo eu dava dois (...). Mas fora isso a motivação de que todos os amigos estavam lá, eu também tava lá todo final de semana, mas acho que isso também tem uma tradição um pouco familiar, tanto meu pai quanto minha mãe nasceram naquela região do Friburgo, os dois estudaram lá. Até onde eu sei, meus bisavós ajudaram a erguer Friburgo, batalharam por isso, então não vem só a partir de mim. Desde os meus bisavós, depois meus avós, meus pais e acho que hoje eu que estou nessa. E fora que não é só a dança, mas é a casa, é o lar que é Friburgo. (...) com o passar do tempo, o interesse e a motivação pela dança aumentaram, tanto que muitos amigos, muitos dos conhecidos que me motivaram a entrar hoje (...) não participam mais. Mas só que novas amizades foram feitas, novos rumos tomaram o grupo, eu também, mas sempre o amor pela dança, pelo folclore,



Figura 22: Cena de Ringeltanz, dança da colheita, no Tanz in Blumenau – Jul. 2006

pelas tradições germânicas é o que me motiva a participar do grupo desde os 5, até hoje, aos 18, já tenho 13 anos de grupo, que tem 14 de existência”.

A resposta dada por Karin caminha junto com a de Carlos: “Minha entrada no grupo de danças Friburgo foi motivada tanto pela volta às minhas origens (sou descendente de alemães),

quanto pela necessidade de me socializar com pessoas jovens, pelo interesse de fazer

amizades com pessoas que morassem em Indaiatuba e região e tivessem os mesmos interesses e valores que eu”.

Só nesta primeira pergunta já aparece de forma clara a vontade de resgatar a cultura dos antepassados, de socialização, cultivar amizades e valores. Para completar, perguntei para a Karin o que eles (ela e o marido) procuravam no grupo: “Eu morava na cidade de Indaiatuba há quase um ano e ainda não havia encontrado amigos que não fizessem parte do seletivo grupo de colegas de trabalho do meu marido. Isso me motivou a procurar algo fora deste eixo, além disso, eu precisava de uma distração, de um passatempo diferente. A idéia de fazer parte de um grupo de danças me atraiu, pois já tinha participado em um em São Paulo quando eu era criança, assim como meu marido, quando ele era adolescente. Fazer parte de um grupo, além disso, é uma experiência importante para qualquer pessoa, aprendi isto fazendo parte de um grupo escoteiro por muitos anos”.



Figura 23: Cena de Bankertanzplatter – Dança dos Bancos – na Casa de Portugal de Campinas-SP – Ago. 2005

Para Karin que chegou de fora, pude perguntar o que eles encontraram no grupo: “Encontramos um grupo super unido, composto de pessoas jovens e seus pais, formando uma comunidade fora do comum: um grupo excepcionalmente harmonioso, unido, alegre e descontraído. Logo de início fomos aceitos sem cerimônias e nos sentimos muito a vontade.

Sem percebermos, nossa integração se deu através de amizades com os jovens do grupo de danças, e através da própria dança, atividade divertida, lúdica, leve, por vezes cansativa, por ser uma atividade física completa, que preenchia as nossas tardes de domingo com ensaios e muitos finais de semana com viagens, festas, encontros. Paralelamente fomos adotados pelos pais destes jovens, e aos poucos, o grupo se

tornou o centro de nossa vida, o ponto de referência para dúvidas, válvula de escape para problemas e para a correria do dia a dia. Além da amizade, nos encontramos com a dança. Uma atividade que requer concentração, uma boa dose de coordenação motora, paciência, fôlego e vontade de aprender. Com a dança, tínhamos um tipo de terapia, pois depois dos ensaios, nos



Figura 24: Integrantes do grupo no Colégio Visconde de Porto Seguro, Valinhos-SP – Nov. 2006

sentíamos sempre leves e relaxados. Não víamos o tempo passar e tínhamos muito prazer ao aprender novos passos e afinar aqueles que já tínhamos aprendido.

Culturalmente, foi enriquecedor conhecer e poder usar os trajes, pesquisar um pouco da história de cada dança e reviver, em grupo, o clima de festas e o trabalho das pessoas de antigamente”.



Figura 25: Representantes do grupo na abertura do Tanz in Blumenau – Jul. 2006

Acredito que somente descobrindo os motivos pessoais dos entrevistados é que poderíamos entender e re-significar a dança no Friburgo, perguntei para eles, então, o que o grupo é ou foi na vida deles, qual a importância que tem, ao que Karin respondeu o seguinte: “O grupo de danças me ofereceu pão, pois trabalhei como professora de alemão de alguns integrantes, mas, acima de tudo, tive a oportunidade de crescer pessoalmente neste grupo, aprendi que a convivência se mantém acima de tudo, com a tolerância entre seus integrantes, e esta foi uma lição muito importante. É reconfortante saber

que, mesmo longe e sem poder participar ativamente do grupo, continuo sendo tratada como se estivesse por lá ainda, e as amizades que fizemos lá têm um valor inestimável para mim.

Não poder mais dançar é como não ter um braço ou uma perna para mim, mas infelizmente fomos transferidos para outro país e não há como mudar isto. Mesmo assim o grupo de danças para mim foi uma das experiências mais importantes da minha vida”.

Carlos, entre tantas outras discussões diz: “Hoje, amadurecido muito – não mais a criancinha de cinco anos que se deixou conquistar pelo grupo, (...) por tudo que já passei, vamos citar algumas coisas: a passagem de um grupo pro outro; a diferença das danças folclóricas de um grupo pro outro, mesmo depois de ter ido pra Gramado onde a gente aprende muito mais e começa a valorizar



Figura 26: Integrantes do grupo no Colégio Visconde de Porto Seguro, Valinhos-SP – Nov. 2006

muito mais o que é o folclore e o que nós estamos fazendo ali, o porquê da dança, porquê da gente estar ali, (...) acho que isso me motiva hoje muito mais do que motivava antes. Então pra mim hoje é um prazer manter a cultura, a dança, o folclore, e luto pra que isso não acabe tão já, que pra mim pode fazer sol, chuva, eu sempre tenho o maior prazer de dançar, mesmo que seja um ensaio, porque eu sei que através do ensaio é que a gente consegue resgatar, reviver e também depois do ensaio, através de uma apresentação, repassar o que é o folclore. Acho que é isso. O grupo pra mim hoje é muito importante, agora falando um pouquinho do pessoal, foi algo que me fez crescer muito muito. (...) Com a evolução, acho que muito da minha timidez eu perdi, eu acho que boa parte eu devo isso à dança, ao grupo, depois falando do quê? De enxergar um pouco do que é a vida, as lições de vida que um grupo, de viver um

grupo, pensar um pouco não só no nosso próprio umbigo, mas no bem do grupo, no bem geral, isso também fez amadurecer mais e, fora isso depois com a coordenação, além de ver, você agir como alguém de liderança de coordenação que fala dentro de um grupo. Pra mim isso foi muito importante e que me fez crescer muito.”. Carlos ainda contribui para a questão com a seguinte fala: “... manter o folclore, gostar de dançar, gostar de quem está lá. (...) o grupo pra mim é uma segunda família, é uma família porque é muito unido; todos trabalham, lutam pela mesma coisa, o que acaba sendo motivante. (...) Não só a dança, a vontade de preservar, ou os antepassados, mas é por quem está lá...”.



Figura 27: Grupos de danças e membros da Sociedade na Expoflora, Holambra-SP – Set. 2006

Como eu citei anteriormente, não há como falar do grupo sem falar da Sociedade e vice-versa, aproveitei então, para saber dos entrevistados qual a importância do grupo dentro da Sociedade. Carlos diz: “Acho que toma dois caminhos. Um, acredito que se repita no que já falei que é talvez de estar mantendo a tradição, as culturas, do que foram os antepassados que criaram a sociedade, que fundaram a sociedade. (...) acho que, além disso, (...) o que conta é o essencial que é a divulgação da sociedade. Através do grupo que, indo aos lugares distantes ou próximos, conhecidos ou até mesmo desconhecidos que se faz a imagem da sociedade através do grupo, acabamos divulgando a Sociedade.”.

Já para Karin a importância do grupo para a Sociedade: “Na minha opinião, mantém viva a história da sociedade, traz e mantém os seus jovens participando ativamente dela, garantindo a sua vida posterior”.

Quis tentar saber ainda o que eles acham que as pessoas procuram e o que as motiva no grupo e/ou na Sociedade. Sem surpresa, as respostas foram as seguintes: Para Karin sucintamente, “O clima excepcional de amizade e harmonia que impera ali. A fascinação que a dança exerce. A oportunidade de conhecer novas pessoas com os mesmos interesses. (...) Se



Figura 28: Integrantes da categoria Adulto II em Monte Mor-SP – Mai. 2007

divertir, se distrair, fazer amigos e aprender coisas novas.”, e para Carlos: “Pelo prazer de dançar. Muita gente acha bonito, acha maravilhoso aqueles trajes, todo mundo aplaudido, coreografias bacanas. (...) outros porque acabam tendo ligação com o Friburgo, com a sociedade, alguns que conhecem, ou convivem por lá que acabam fazendo parte do grupo (...) pessoas da descendência alemã que não conhecem Friburgo, mas tentam buscar sua cultura, sua ascendência através da dança. (...) buscaram no grupo, fora a amizade, o grupo, um lugar bom, um lugar agradável, mas acho que também manter a cultura, ou reviver um pouco do que os antepassados viveram.” E completa num outro momento: “(...) buscar um lar, uma família assim dizendo, amigos, novos laços”.

Karin e Carlos se completaram nas respostas dadas e posso dizer que completam exatamente o que penso sobre o grupo e o Friburgo, o que penso que motiva as pessoas a estarem lá. Sendo assim, tomando como base minha experiência pessoal dentro do Friburgo, aliada às informações das entrevistas, às observações e reflexões realizadas especialmente durante o desenvolvimento do trabalho e as leituras e discussões focadas no tema, posso fazer minhas considerações finais.

Creio que viver em sociedade faz parte da essência do ser humano, se aglutinar, pois assim, como disse Maria Emilia no final de sua entrevista, é que se realiza o exercício de convivência, de todo tipo de sentimento.

O Friburgo é muito característico pelo ambiente familiar, descrito pelos três entrevistados, do qual sou integrante. É o local onde muitos pais foram educados, dentro e fora das salas de aula, exatamente nesse exercício de convivência. Pais, filhos, tios, primos, sobrinhos, amigos, netos e avós convivem juntos, o que proporciona o que Maria Emilia definiu como continência para as famílias.

É neste contexto que eu re-significo a dança no Friburgo. As pessoas que estão lá querem manter a casa que deu amparo aos seus pais e avós, para que futuramente dê colo aos seus filhos e netos. Quem vem de fora percebe justamente esse ambiente acolhedor, onde lutando juntos pelo objetivo de manter viva a tradição germânica se cultivam os inúmeros laços atados. O grupo de danças vem como um elo dessa corrente, que se tornou a principal maneira de mostrar as tradições e a cultura, um



Figura 29: Grupo em apresentação no Tanz in Blumenau – Jul. 2006

motivo a mais para os jovens, principalmente, se manterem ativos. Homenageando e cultivando a cultura dos antepassados, exercitando a convivência e possibilitando novas descobertas a todo instante.

E é tendo em vista a dança como um elo de ligação entre as pessoas e uma das mais autênticas expressões culturais de um povo que a Sociedade Escolar do Bairro Friburgo estende suas atividades até os dias de hoje, com a realização de festas típicas, com os grupos

folclóricos e com a participação de jovens amantes da dança, do folclore e da cultura, cultivando os valores deixados pelos antepassados, de harmonia, entendimento, união e espírito construtivo.

Bibliografia

Bourcier, Paul.

História da dança no ocidente. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Brandão, Carlos Rodrigues.

O que é folclore? São Paulo: Brasiliense, 1984.

Campos, Patrícia Afonso de.

Danças populares : reconstruindo a cultura popular nas aulas de educação física. Campinas: Unicamp, 2001.

Chevalier, Jean e Gheerbrant, Alain.

Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 19º ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

Houassiss, Antonio (1915-1999) e Villar, Mauro de Salles (1939-).

Dicionário Houassiss da Língua portuguesa. 1º ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Jesus, Adilson Nascimento de.

Vivências corporais: proposta de trabalho de auto-conscientização. Campinas: Unicamp, 1992.

Matsumoto, Maria Hisa.

Memórias, corpo e educação física. Campinas: Unicamp, 2002.

Mendes, Miriam Garcia.

A Dança. 2º ed. São Paulo: Editora Ática, 1987.

Pinto, Larissa Graner Silva.

Expressão corporal como linguagem : sentindo na pele possíveis diálogos. Campinas: Unicamp, 2001.

Rego, Nadia Massagardi do.

Processo criativo: arte e os símbolos. Campinas: Unicamp, 2006.

Von Simson, Olga Rodrigues de Moraes.

Memória cultura e poder na sociedade do esquecimento: O exemplo do Centro de Memória da Unicamp. <http://www.lite.fae.unicamp.br/revista/art05.htm>

Zotovici, Sandra Aparecida.

Pés no chão e a dança no coração : um olhar fenomenológico da linguagem do movimento. Campinas: Unicamp, 2001.

Anexo 1

Fotos



Figura 1: Tanzgruppe Friedburg no 1º friedburgball – 1º Baile de Aniversário dos Grupos de Danças – Sociedade Escolar do Bairro Friburgo, Capinas-SP – Mai. 1994



Figura 2: Coordenadores e homenageados do 1º Fiedburgball – Mai. 1994



Figura 3: Tanzgruppe Friedburg, categorias Adulto I e II como atração no Parque Hopi-Hari, Vinhedo-SP - Mar. 2003



Figura 4: Durante a apresentação no Parque – Mar. 2003



Figura 5: Grupos ainda no Hopi-Hari – Mar. 2003



Figura 6: Integrantes do grupo, coordenadores e amigos passeando no Parque Hopi-Hari, - Dez. 2003



Figura 7: Foto de um ensaio do grupo na Sociedade Escolar do Bairro Friburgo, Campinas-SP – Abr. 2004



Figura 8: Apresentação do grupo na 8ª Fenui – Festa das Nações Unidas de Indaiatuba, Indaiatuba-SP – Jul. 2005



Figura 9: Apresentação na Colônia Suíça de Helvetia, Indaiatuba-SP – Mai. 2006



Figura 10: Membros da comunidade auxiliando na preparação da 9ª Fenui – Jul. 2006



Figura 11: Apresentação na 9ª Fenui – Jul. 2006



Figura 12: Apresentação na 9ª Fenui – Jul. 2006



Figura 13: Apresentação na Expoflora, Holambra-SP – Set. 2006



Figura 14: Grupos, amigos e membros da Sociedade na Expoflora – Set. 2006



Figura 15: Grupo em apresentação em Araras-SP – Nov. 2003



Figura 16: Participação na festa de confraternização da empresa Elektro, Campos do Jordão-SP – Nov. 2006



Figura 17: Após ensaio na Sociedade, alguns integrantes dos grupos reunidos. Campinas-SP – Nov. 2006



Figura 18: Integrantes e amigos na festa de encerramento das atividades do ano na Sociedade, Campinas-SP – Dez. 2006

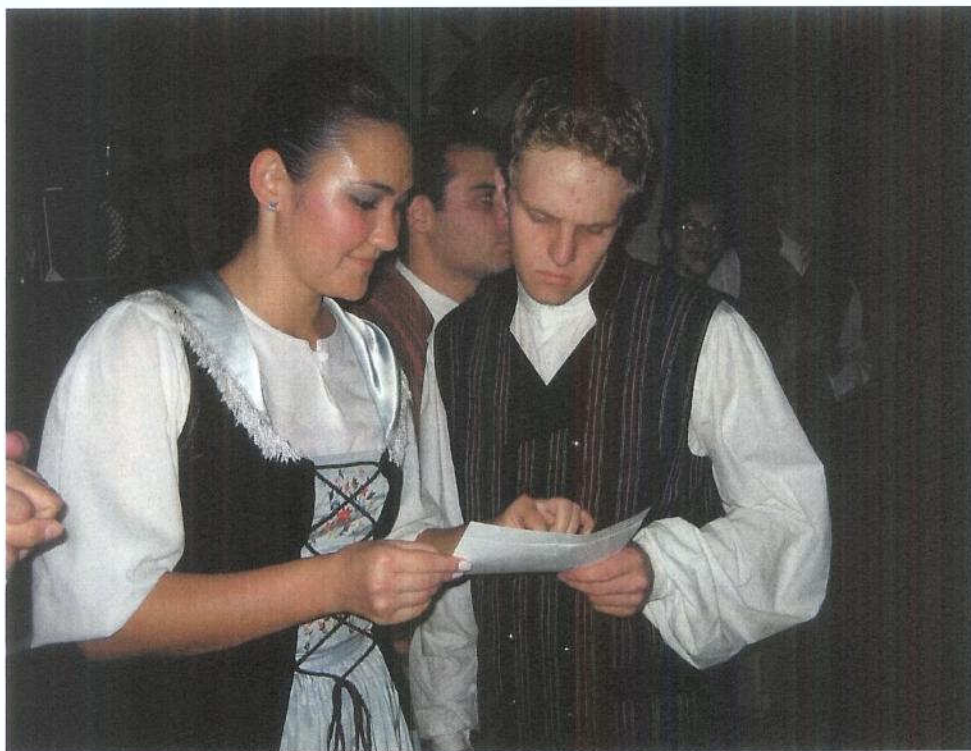


Figura 19: Coordenadores de dança organizando a apresentação do 14º Friedburgball – 14º Baile de aniversário dos grupos de danças, na Sociedade, Campinas-SP – Mai. 07



Figura 20: Mural de fotos dos grupos exposto na Sociedade. 14º Friedburgball – Mai. 07



Figura 21: Seqüência de Mülhrad, dança do moinho. Expoflora, Holambra-SP – Set. 2006

Anexo 2

Entrevista com Carlos Guilherme Nilson

- realizada em maio/2007.

- Letícia Hawerth: O que você acha que motivou sua entrada no grupo?

• Carlos Guilherme Nilson: Certo, pra dizer, não sei, acho que no caso foi até uma motivação de eu sempre estar lá, pelo menos todo final de semana quando aconteciam os ensaios. Que eu via todo o pessoal dançando, todos os meus amigos desde a infância estavam lá participando e eu sempre tive uma vontade tremenda de estar lá junto dando os passos, tanto que eu entrei no grupo com cinco anos de idade, como você falou, né e ... todos eram mais velhos e enquanto eles davam um passo eu dava dois, devido ao meu tamanho. Mas fora isso a motivação de que todos os amigos estavam lá, eu também tava lá todo final de semana, mas acho que isso também tem uma tradição um pouco familiar, tanto meu pai quanto minha mãe nasceram naquela região do Friburgo, os dois estudaram lá. Até onde eu sei certo, meus bisavós ajudaram a erguer Friburgo, batalharam por isso, então não vem só a partir de mim desde os meus bisavós, depois meus avós, meus pais e acho que hoje eu que estou nessa. E fora que não é só a dança, mas é a casa, é o lar que é Friburgo. Por isso a motivação desde pequeno. E com o passar do tempo, o interesse e a motivação pela dança aumentaram, tanto que muitos amigos, muitos dos conhecidos que me motivaram a entrar, hoje não existem mais, ou melhor não participam mais. Mas só que novas amizades foram feitas, novos rumos tomaram o grupo, eu também, mas sempre o amor pela dança, pelo folclore, pelas tradições germânicas é o que me motiva a participar do grupo então desde os cinco, até hoje, aos 18, já tenho 13 anos de grupo, que tem 14 de existência. Acho que mais ou menos é por aí.

- LH: Eu acho que pra nós tem a ver com a família, com as tradições, com aquilo que de repente nossos avós faziam e nós não sabemos, se eles já tinha alguma coisa a ver com isso ou não.

• CGN: Pelo que eu pouco sei, na verdade meus avós por parte de pai eu nem cheguei a conhecer. Mas o pouco que eu conheci dos maternos, eu sei que eles sempre foram um casal muito ativo em festas, gostavam muito de festa. Eu sei que os dois arrasavam no salão, sempre gostaram da dança. Mas eu tenho quase certeza que a dança deles era mais pela diversão, pelo motivo de alguma festa, e não o folclore como a gente pratica hoje. Mas acho que tem uma motivação, uma tradição disso, tanto que eles, não digo eles que fizeram isso, mas a partir um pouco deles, acho que meus pais e outras pessoas da faixa etária dos meus pais que começaram com o grupo, que tiveram esse interesse de iniciar o grupo. Mesmo fazer, continuar fazendo as festas e bailes em Friburgo eu acho que isso tem a ver com os meus avós, meus bisavós que sempre preservaram, gostavam de festa, faziam festa a torto e a direito como diziam. Então acho que por este motivo, eu no caso não vi isso, mas meus pais têm muito mais essa ligação por estar presente na família na época deles de festa. Acho que isso motivou, não só o meu pai, mas outros que lá existiam e que começaram a fazer as festas de novo, falando assim. Retomaram as festas características de antes.

- LH: O grupo hoje, o que é pra você? Você gosta de dançar, tem a ver com a nossa história, com a vontade de preservar...

• CGN: Hoje, amadurecido muito – não mais a criancinha de cinco anos que se deixou conquistar pelo grupo, acho que hoje tendo passado por tudo que já passei, vamos citar

algumas coisas: a passagem de um grupo pro outro; a diferença das danças folclóricas de um grupo pro outro, mesmo depois de ter ido pra Gramado onde a gente aprende muito mais e começa a valorizar muito mais o que é o folclore e o que nós estamos fazendo ali, o porquê da dança, porquê da gente estar ali, de saber o porquê, acho que isso me motiva hoje muito mais do que motivava antes. Então pra mim hoje é um prazer manter a cultura, a dança, o folclore, e luto pra que isso não acabe tão já, que pra mim pode fazer sol, chuva, eu sempre tenho o maior prazer de dançar, mesmo que seja um ensaio, porque eu sei que através do ensaio é que a gente consegue resgatar, reviver e também depois do ensaio numa apresentação, repassar o que é o folclore.

Acho que é isso. O grupo pra mim hoje é muito importante, agora falando um pouquinho do pessoal, foi algo que me fez crescer muito muito, acho que até, vamos tentar fazer uma linha do tempo aí, melhor dizendo assim. Com a evolução, acho que muito da minha timidez eu perdi, eu acho que boa parte eu devo isso à dança, ao grupo, depois falando do quê? De enxergar um pouco do que é a vida, as lições de vida que um grupo, de viver um grupo, pensar um pouco não só no nosso próprio umbigo, mas no bem do grupo, no bem geral, isso também fez amadurecer mais e, fora isso depois com a coordenação, além de ver, você agir como alguém de liderança de coordenação que fala dentro de um grupo. Pra mim isso foi muito importante e que me fez crescer muito.

- LH: Temos algo muito parecido nessa vivência do grupo, da coordenação, de amadurecimento dentro do grupo, der realmente ter que aprender, ter que ver a coisa de outra perspectiva. Mas acho que só a dança não nos motivaria a fazer tudo isso, acho que além disso, o conjunto, a vontade de manter o folclore ...

• CGN: ... manter o folclore, gostar de dançar, gostar de quem está lá. Todos pra mim, como eu sempre digo, o grupo pra mim é uma segunda família, é uma família porque é muito unido; todos trabalham, lutam pela mesma coisa, o que acaba sendo motivante. Apesar de oscilar às vezes, as emoções, as vontades, às vezes apaga, reascende, brilha, ofusca, mas eu acho que sempre apesar de alguns saírem, alguns novos entrarem a família sempre continua e também é o que motiva. Não só a dança, a vontade de preservar, ou os antepassados, mas é por quem está lá... fora isso também é gostoso você dançar fora (da Sociedade), receber elogios, receber aplausos, que também acabam motivando muito mais.

E tem os amigos que a gente encontra lá, as outras ligações. A gente sabe que são amizades que você fortalece, que você arruma lá alguém que você pode confiar, com quem você pode contar não são aquelas amizades, vamos dizer, corriqueiras ou eventuais que você acaba fazendo amizade porque tá ali, mas acho que não é bem por isso porque no fim todo mundo acaba se entrosando e são praticamente irmãos, considero eu.

- LH: Acho que os desafios que temos que enfrentar juntos, stress antes de festa, correria, acaba fazendo com que a gente descubra o que o outro é de verdade, a lidar com isso, amadurecer também, a gostar mais ou aprender a respeitar.

E pra Sociedade hoje, qual a importância do grupo, da dança?

• CGN: Acho que toma dois caminhos. Um, acredito que se repita o que já falei que é talvez de ta mantendo a tradição, as culturas, do que foram os antepassados que criaram a sociedade, que fundaram a sociedade, então isso, acho que o grupo existe, mas não é só por isso, por causa disso. De tentar manter a cultura germânica, do que era, é preservar, mas só que eu acho que além disso, e muito mais que isso o que conta é, o essencial que é a divulgação da sociedade. Através do grupo que, indo nos lugares distantes ou próximos, conhecidos ou ate mesmo desconhecidos que se faz a imagem da sociedade através do grupo, acaba divulgando a sociedade. Mas também é interessante dizer que quem faz parte do grupo são, na sua

maioria, os sócios da nossa sociedade, ou pelo menos familiares das famílias que fundaram a sociedade de Friburgo. Então eu acho que o grupo tem muita ligação com a Sociedade pelo fato das pessoas serem sócias, membros e fora isso é a divulgação.

- LH: E das pessoas que chegam de fora, o que você acha que elas procuram no grupo, ou na dança, ou na Sociedade?

• CGN: Eu não consigo ainda gravar muito dessas caras que aparecem, que vem de fora, mas o que eu posso dizer, pelo que eu já percebi: muita gente vem, chega no grupo ou tem interesse pela dança, desperta o interesse pela ... vamos partir daí pra um grande leque. Uma é pela coisa dela, pela dança. Pelo prazer de dançar. Muita gente acha bonito, acha maravilhoso aqueles trajes, todo mundo aplaudido, coreografias bacanas. Então muitos também vão pela aparência, outros porque gostam de dançar, outros porque acabam tendo ligação com o Friburgo, com a sociedade, alguns que conhecem, ou convivem por lá que acabam fazendo parte do grupo, fora isso acho que pelo que eu me lembro, não lembro de ter acontecido isso. Minto, de pessoas da descendência alemã que não conhecem Friburgo, nunca ouviram falar, mas tentam buscar sua cultura, sua antecendência através da dança. Que eu conheço é um casal que fez parte do grupo, mas porque eles tinham antecedentes, eram descendentes de alemães e buscaram no grupo, fora a amizade, o grupo, um lugar bom, um lugar agradável, mas acho que também manter a cultura, ou reviver um pouco do que os antepassados viveram. Muita gente vai por gostar de dançar, muita gente pela beleza, pela aparência, e muita gente vai por defender a cultura, ou reviver essas coisas.

- LH: É, dificilmente pessoas de fora acabam ficando no grupo, porém me veio um caso específico, o Gustavo, uma pessoa que veio de fora, se envolveu, não tem descendência, nunca tinha ouvido falar de grupo de danças, de Friburgo e se envolveu com o grupo, com a Sociedade e está lá, disposto a ajudar no que puder. Ou mesmo o meu pai que veio de fora, de outro Estado, ele tem a descendência, mas não tinha nada com o que acontecia aqui.

• CGN: É, uma coisa que você falou agora, você tem razão, acho que é o caso do seu pai, da Karin e do Christian (casal a quem se referiu na questão anterior), até mesmo do Thiago e acho que talvez o Gustavo se inclua nessa parte, que é de buscar um lar, uma família assim dizendo, amigos, novos laços, então, pessoas que estavam, vamos dizer, sozinhas em Indaiatuba, pois vieram de lugares diferentes, distantes e não tinham amigos, ou alguém pra contar e que acabaram por conhecer, não sei ao certo como. Onde lá eles encontraram aquilo que a gente já disse que são as amizades, então muitas vezes pela distância, pela solidão, foi o que fez mantê-los lá.

A Karin e o Christian, por exemplo, que sempre diziam que eram sozinhos que faziam sempre a mesma coisa e que o grupo mudou tanto a vida deles, que têm novas amizades com quem eles sabem que podem contar, com quem eles fizeram festa, com quem compartilharam muita coisa da vida deles, que foi a família que era o grupo, então acho que a família do grupo foi um suporte pra eles. Isso é um outro motivo.

- LH: Acho que tratando de grupo de danças, nós temos muitas danças parecidas, dançamos algumas por muito tempo, mas acho que a variedade, o desafio de aprender coisas novas, a diversidade das festas que freqüentamos, dos lugares que a gente vai, tudo isso acaba contribuindo pra gente ficar lá.

• CGN: Até ia dizer isso, no fim eu acabei entrando na questão de Gramado lá atrás, mas algo que me deixou eufórico, a vontade de vive num lugar assim, foi a viagem que eu fiz pra Treze Tílias-SC, onde todo mundo respira o folclore, come folclore, dança folclore, então, assim, é uma cidade típica tirolesa, onde eu presenciei inúmeras coisas além da dança. Mas tinha dança folclórica também. Mas o que mais eu vi, muita música folclórica que a gente conhece,

artesanato, modo de vida, culinária, enfim, acho que mais a cultura num geral e não só a dança, foi algo que me encheu os olhos, foi muito bom. Algo que me marcou muito foi ver um menino de sete anos tocando sanfona, de dia e de noite tava ele sentado na soleira da porta, tocando já muito bem pra idade que tem. Então acho que assim, acaba motivando e sendo algo a ser buscado por mim, ver gente nova, criança já lutando pela tradição, por manter essa cultura, uma **inspiração**.

- LH: Interessante que você acabou admirando no garoto uma coisa que você fazia, cada um de uma forma ...

• CGN: ... de acordo com o que o ambiente proporciona, ele tocando e eu dançando. Me motivei muito através disso. Gostei demais de ter passado algumas horas lá e de ter vivido um pouco disso.

- LH: Tem as pessoas que são diferentes de nós lá na Sociedade, mas uma coisa muito importante pra mim é o fato da minha família inteira estar lá. Eu não tenho os avós que fizeram parte e ajudaram na construção da história, mas hoje na verdade fazemos parte da construção disso, mas paro pra pensar se meus pais não estivessem lá, se eu me dedicaria tanto.

• CGN: Essa foi uma preocupação minha a um tempo atrás. Hoje acho que eu tenho uma certeza que eu não deixaria, independente dos meus pais, hoje eu digo que independe deles, é algo que eu gosto, que me dá prazer e que me digo até numa obrigação, num compromisso.

- LH: Estamos envolvidos dos pés à cabeça com as atividades de lá. Com organização de festa, com stress de organização de festa e não sei mesmo se eu lutaria com tanto fervor, se eu me manteria tão ativa se não tivesse meus pais lá. É um lugar que é importante, me dá prazer, proporciona muito crescimento, que nunca é igual, mas tem muito a ver com o fato de estar mais junto com a minha família, de ser algo que fazemos juntos, de ser um ideal em comum. E talvez pra você esteja ligado mais pra trás ainda.

• CGN: Quando minha mãe estava um pouco afastada de lá, até pensava: e se meu pai se afastar também, eu vou continuar? Era uma preocupação, mas acho que por ser muito novo. Hoje acho que mesmo eles saindo, se as coisas continuarem pelo mesmo rumo não tem porque eu deixar. Eu tenho que concordar de que talvez não com a mesma intensidade, mas eu acho que deixar de ir vai ser muito difícil.

Anexo 3

Entrevista com Karin Krieger de Oliveira

- realizada em Junho/2007

- Leticia Hawerth: O que motivou a sua entrada no grupo?

• Karin K. de Oliveira: Minha entrada no grupo de danças Friburgo foi motivada tanto pela volta as minhas origens (sou descendente de alemães), quanto pela necessidade de me socializar com pessoas jovens, pelo interesse de fazer amizades com pessoas que morassem em Indaiatuba e região e tivessem os mesmos interesses e valores que eu.

- LH: O que vocês estavam buscando?

• KO: Eu Morava na cidade de Indaiatuba a quase um ano e ainda não havia encontrado amigos que não fizessem parte do seletto grupo de colegas de trabalho do meu marido. Isso me motivou a procurar algo fora deste eixo, alem disso, eu precisava de uma distração, de um passa tempo diferente. A idéia de fazer parte de um grupo de danças me atraiu, pois já tinha participado em um em São Paulo quando eu era criança, assim como meu marido, quando ele era adolescente. Fazer parte de um grupo, além disso, é uma experiência importante para qualquer pessoa, aprendi isto fazendo parte de um grupo escoteiro por muitos anos.

- LH: O que vocês encontraram no grupo?

• KO: Encontramos um grupo super unido, composto de pessoas jovens e seus pais, formando uma comunidade fora do comum: um grupo excepcionalmente harmonioso, unido, alegre e descontraído. Logo de início fomos aceitos sem cerimônias e nos sentimos muito a vontade. Sem percebermos, nossa integração se deu através de amizades com os jovens do grupo de danças, e através da própria dança, atividade divertida, lúdica, leve, por vezes cansativa, por ser uma atividade física completa, que preenchia as nossas tardes de domingo com ensaios e muitos finais de semana com viagens, festas, encontros. Paralelamente fomos adotados pelos pais destes jovens, e aos poucos, o grupo se tornou o centro de nossa vida, o ponto de referencia para duvidas, válvula de escape para problemas e para a correria do dia a dia. Alem da amizade, nos encontramos com a dança. Uma atividade que requer concentração, uma boa dose de coordenação motora, paciência, fôlego e vontade de aprender. Com a dança, tínhamos um tipo de terapia, pois depois dos ensaios, nos sentíamos sempre leves e relaxados. Não víamos o tempo passar e tínhamos muito prazer de aprender novos passos e afinar aqueles que já tínhamos aprendido. Culturalmente, foi enriquecedor conhecer e poder usar os trajes, pesquisar um pouco da historia de cada dança e reviver, em grupo, o clima de festas e o trabalho das pessoas de antigamente.

- LH: Qual a importância do grupo na sua vida?

• KO: O grupo de danças me ofereceu pão, pois trabalhei como professora de alemão de alguns integrantes, mas, acima de tudo, tive a oportunidade de crescer pessoalmente neste grupo, aprendi que a convivência se mantém acima de tudo, com a tolerância entre seus integrantes, e esta foi uma lição muito importante. É reconfortante saber que, mesmo longe e sem poder participar ativamente do grupo, continuo sendo tratada como se estivesse por lá ainda, e as amizades que fizemos lá têm um valor inestimável para mim.

Não poder mais dançar é como não ter um braço ou uma perna para mim, mas infelizmente fomos transferidos para outro país e não há como mudar isto. Mesmo assim o grupo de danças para mim foi uma das experiências mais importantes da minha vida.

- LH: Qual a importância do grupo para a sociedade?

• KO: Na minha opinião, mantém viva a história da sociedade, traz e mantém os seus jovens participando ativamente dela, garantindo a sua vida posterior.

- LH: O que acha que motiva a participação das pessoas no grupo?

• KO: O clima excepcional de amizade e harmonia que impera ali. A fascinação que a dança exerce. A oportunidade de conhecer novas pessoas com os mesmos interesses.

- LH: O que acha que elas procuram?

• KO: Se divertir, se distrair, fazer amigos e aprender coisas novas.

Anexo 4

Entrevista com Maria Emilia Armbrust Nilson

- realizada em Jun/2007

Antes de gravar a entrevista, apresentei o tema do trabalho para ela e as questões que gostaria que respondesse. E conforme fui apresentando-as, Maria Emília foi respondendo, como num ensaio para a gravação que foi transcrita. As questões apresentadas foram:

- Como levaram o grupo para lá?
- Quais as expectativas e intuits que tinham?
- O que acha que motiva as pessoas a procurarem o grupo? E o que elas encontram lá?
- O que vê no grupo hoje? Qual a importância dele na/para a Sociedade?
- As expectativas foram concretizadas?

• Maria Emilia A. Nilson: Eu acho que a dança no Friburgo sempre esteve presente. Desde sempre! Ela veio com os imigrantes, mas ficou uma dança mais popular, a polca, a valsa, o xote ... a dança folclórica veio com o grupo a partir de 93. De onde a gente viu isso? Acho que de Helvetia mesmo, da colônia suíça. Algumas pessoas participavam lá e participavam do Friburgo. Daí começou a se pensar: vamos montar um grupo aqui, vamos dançar aqui as coisas que a gente já dança lá! E eu acho que vingou!

- Leticia Hawerth: Achei interessante quando você disse que o grupo nasceu lá, que não foi levado.

• MN: O que tinha é algumas pessoas que já tinham dançado a dança folclórica em Helvetia, mas nasceu, esse grupo nasceu lá dentro da Sociedade. Com as pessoas que já estavam lá.

- LH: as expectativas neste grupo folclórico?

• MN: Então, eu acho que as expectativas eram que os jovens pudessem dançar, se divertir, se encontrarem, que a Sociedade pudesse continuar sendo esse ponto de encontro também dos jovens. E que a gente entendeu que a dança pudesse trazer isso. E eu acho que trouxe. Sem dúvida que isso uniu muito os jovens ali da comunidade, vieram até jovens de fora participar, então eu acho que pra mim suplantou as expectativas, porque depois isso tomou outros rumos, de uma dança mais estruturada e passou a ..., o grupo passou a ser conhecido não só dentro da sociedade, mas também a levar a cultura alemã pra fora da Sociedade, e hoje tem uma importância muito maior do que a gente esperava naquela época. Naquela época a gente esperava ter um grupo que dançasse, se divertisse, gostasse de estar ali dentro dessa proposta das famílias, de ta sempre, de ser uma coisa sempre muito familiar.

- LH: De ser mais um motivo pra se encontrar, pra estar lá.

• MN: Diria que isso foi muito além, que hoje o grupo divulga a cultura alemã em toda a região.

- LH: O você acha que motiva as pessoas a procurarem o grupo hoje?

• MN: Eu acho que o motivo a procurarem o grupo hoje é a alegria do grupo, é essa coisa que a dança proporciona de extravasar, de se encontrar.

- LH: Acho que pra Sociedade hoje é uma coisa que vai além das pessoas estarem lá.

- MN: Hoje o grupo divulga o nome da Sociedade, não só a Sociedade, como a cultura alemã, como a dança da Europa de forma geral do século passado. Então eu acho que nesse sentido a filiação à Casa da Juventude de Gramado foi muito importante, porque trouxe essa coisa do folclore, mas de um folclore mais estruturado, de danças mais universais, que têm esse objetivo. E acabou por permitir a ampliação do repertório e deu referência de expansão da cultura, o que permitiu transcender os objetivos iniciais.

- LH: Friburgo sempre teve a dança muito presente...

- MN: Friburgo sempre teve muitos bailes, eu acho que as pessoas iam pra lá pra se encontrarem e a dança sempre fez parte.

- LH: E hoje tem apenas uma coisa a mais, da dança ser mais estruturada...

- MN: É, é isso!

Após o encerramento da gravação, continuamos a conversa sobre a Sociedade ao que ela destacou a importância de se aglutinar, de viver em sociedade, pois trata-se de um exercício de convivência, um exercício de todos os tipos de sentimentos. Que o Friburgo da continência às famílias que convivem lá. É a possibilidade de compartilhar e crescer.

